

A INFLUENCIA DA CULTURA NOS ESTILOS DE LIDERANÇA A PARTIR DA OBRA DA ÉTICA PROTESTANTE

RESUMO: Extinto o tráfico de escravos o governo imperial incentivou a imigração europeia, que se deu pelas características como a região geográfica, e os problemas sociais com guerras daquele período. Assim, italianos e alemães predominaram na colonização sul Catarinense. Os pioneiros foram os italianos trazendo artefatos para agricultura. Trouxeram também as tradições de um povo que gostava de música, porém trabalhador e piedoso no tocante a religião e nos ritos espirituais. Neste cenário, o artigo objetiva analisar como a cultura regional sul Catarinense, baseada na ética protestante de Weber, podem ter influenciado os estilos de liderança das organizações e, conseqüentemente, seu sucesso (ou não). A metodologia têm abordagem qualitativa e objetivo exploratório-descritivo com base em material validado teoricamente que identificará as características da teoria da ética protestante presente nos estilos de liderança das empresas familiares do sul Catarinense, oriundas do processo de colonização. Analisando os resultados da pesquisa foi possível entender que independentemente da religião, os imigrantes desenvolveram, por parte da situação a que foram submetidos, praticas que aproximaram a cultura da região colonizada às características da ética protestante. A partir das análises pode-se inferir que a cultura da ética protestante interferiu nas características socioeconômicas da região sul catarinense.

Palavras Chaves: Imigração, ética protestante, empresas familiares, cultura organizacional, estilos de liderança.

1. INTRODUÇÃO

É comum encontrar em algumas literaturas, que a imigração de europeus ocorreu ao final do século XIX, e colonizou principalmente o sul do Brasil, foi uma forma que o antigo império brasileiro encontrou para amenizar o problema que se originaria com o fim da escravatura. Quem seriam as pessoas que estariam dispostas a submeter-se aos “senhores de engenho” caso os escravos finalmente alcançassem sua liberdade? Neste sentido, o império viu na imigração de europeus, principalmente italianos e alemães, uma saída para este impasse. Nas palavras de Baldessar (2005) foi com a extinção do tráfico de escravos em 1850, o governo imperial iniciou procedimentos de incentivo a imigração européia, e os povos italianos e alemães foram os primeiros a serem escolhidos.

Ainda, segundo Baldessar (1991) os motivos se deram pelas características como a região geográfica onde viviam italianos e alemães: regiões montanhosas e de difícil cultivo agrícola. Também os problemas sociais com as intermináveis guerras daquelas regiões além dos longos períodos de inverno rigorosos, com neve e frio intenso fariam destes povos, potenciais trabalhadores para o trabalho intenso e desafiador no sul e sudeste do país. Conforme relata Goularti Filho (2007), para estes imigrantes se instalarem na região, foi necessário três suportes essenciais: o financiamento do governo, a disponibilidade das terras e as companhias colonizadoras. Ainda segundo o autor, o povoamento e instalações destes imigrantes colonizadores se deram em Santa Catarina no período de 1880 a 1945.

No sul do estado, chegaram os primeiros colonizadores italianos no ano de 1878, trazendo em sua bagagem além de muitos artefatos e ferramentas para auxílio na agricultura,

suas tradições e costumes, característico de um povo que era voltado à música, ao canto popular, mas também extremamente trabalhador e piedoso no tocante a religião e nos ritos espirituais. Conforme relatos de Baldessar (2005) a vida do colono era dura e pesada, cheia de privações e muito trabalho braçal, e que a grande motivação que trouxeram tais imigrantes era a chamada “*con il paese della cuccagna*” (a terra abundante). Era principalmente o sonho de ser proprietário de suas próprias terras, o motivo pelo qual partiriam italianos e alemães em busca de uma nova esperança em solo brasileiro. Tudo compensaria o sacrifício: a distância da pátria mãe, dos parentes e amigos deixados para trás, as adversidades que enfrentariam naquele inóspito lugar. Diante destas situações as privações, o sacrifício, o trabalho árduo e a persistência haveria de forjar esta história de dedicação e coragem dos imigrantes, imprimindo tais características também no espírito empreendedor dos futuros empresários e gestores de empresas da região sul de Santa Catarina.

A partir destes aspectos, pode-se perceber a aproximação destas características com os conceitos da obra da ética protestante, no qual Weber (1864-1920) defende as ideias religiosas tem uma importante influência sobre o desenvolvimento do espírito econômico. Ainda, para o autor o capitalismo procura o lucro baseado em ações racionais, e para tanto deve haver disponibilidade de uma força de trabalho disciplinada e continuo investimento do capital gerado como resultado deste trabalho. O desejo pelo lazer e a tendência de gastar os recursos são oponentes ao capitalismo. Defende o aspecto da filiação religiosa e na estratificação social, quando diferencia católicos e protestantes, atribuindo maior apreço ao trabalho aos segundos (WEBER, 1985).

Diante do propósito do presente estudo, as conclusões do artigo podem se aproximar ou não da teoria proposta por Weber. Entretanto é importante destacar que os comportamentos dos imigrantes, no tocante ao lazer, ao trabalho, ao uso dos recursos, e como cenário ‘de fundo’ a fé cristã, são absolutamente semelhantes. Por tais motivos é importante considerar os fatores que aproximam tais pressupostos, mais do que aqueles que distanciam.

Tanto os aspectos culturais, como a tradição, a religião e os costumes trazidos pelos imigrantes, como as circunstâncias políticas do país naquela época proporcionaram o desenvolvimento de uma cultura empreendedora. E de acordo com Goularti Filho (2007), após 1870 contribuiu para diversificar a economia da província, fazendo surgir o comércio artesanal de baixa escala e outras ainda, de origem manufatureira (pequenas indústrias) que geraram uma acumulação de capital lenta e pulverizada. Diante deste pressuposto, quando se apresenta a relação entre a cultura local e o desenvolvimento socioeconômico da região sul de Santa Catarina, a influência desta mesma cultura nos estilos de liderança passa a ser interessante, pois a interferência de tais estilos pode interferir nos resultados da gestão de uma organização.

Assim, a liderança pode ser abordada em duas formas de influência, ou seja, por dois estilos predominantes: o primeiro, definido pelo poder e o segundo pela autoridade. Para Weber (2000) um dos fundadores dessa área de estudo, o poder é a capacidade de obrigar: em razão da sua posição ou força, e os demais a obedecerem à sua vontade, mesmo que eles preferissem não fazê-lo. A autoridade é ‘também’ a habilidade de levar os outros, de boa vontade, a realizarem determinado intento.

De acordo com o que observa Oliveira *et al.* (2006), liderar é uma maneira de agir, uma maneira de ser. Afirma ainda o autor, que significa desenvolver completamente habilidades, competências e talentos internos. Sabendo, desta forma, que liderar tem estreita relação à forma de agir e ser, pode ser considerado também, que, nesta perspectiva, surgem diversas formas de liderar, já que existem diversas formas de agir.

Sob este ponto de vista, Metidieri (2011) demonstra que se faz necessário o entendimento dos estilos de liderança para uma melhor compreensão da relação do líder com seus subordinados e observar de que maneira o líder orienta sua conduta e seu estilo de liderança, além de delinear a importância deste entendimento.

O que se pretende é entender um pouco mais sobre estes estilos, como eles se formaram na região sul de Santa Catarina, à luz da teoria de Max Weber expressa na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

2. AS BASES CONCEITUAIS DA ÉTICA PROTESTANTE

A obra da ética protestante defende a tese de que o capitalismo inglês recebeu uma grande contribuição dos hábitos de vida cultivados pelo protestantismo. De forma geral, consiste que as ideias religiosas e o comportamento econômico nas sociedades analisadas foram fatores determinantes do desenvolvimento destas sociedades. Weber (1985) defende que o comportamento ascético, isto é, ter a vida voltada a valores espirituais e a boa moral, ao mesmo tempo que valoriza o trabalho árduo, contribuiu para o bom desenvolvimento da sociedade capitalista, desde que baseada em relações éticas aceitáveis. Para o autor, desenvolver sua vocação obtendo bons lucros, é da vontade de Deus, se o homem mantiver sua fé, observar os princípios da fé cristã e não for dispendioso em gastos supérfluos, como por exemplo, ter uma vida de vícios e ócio, esbanjando seus ganhos em prazeres mundanos. Tal pensamento fica claro quando Weber (1985, p. 112) declara:

A verdadeira objeção moral refere-se ao descanso sobre a posse, ao gozo da riqueza, com consequência de ócio e de sensualidade, antes de mais nada, à desistência da procura de uma vida “santificada”. A riqueza traz consigo o perigo do relaxamento, e a perda de tempo é o primeiro e principal de todos os pecados.”

O caráter econômico e poupador, reinvestindo no negócio os lucros do empreendimento também é um dos aspectos marcantes desta obra de Weber.

Durante o período da reforma, várias correntes doutrinárias surgiram no protestantismo. Dentre elas, o luteranismo e calvinismo, além das práticas e ensinamentos católicos daquela época. O autor aproxima-se em sua tese, especialmente das ideias calvinistas a respeito da ‘eleição’ dos escolhidos, a partir do resultado de seu trabalho. Um homem provava que era um servo de Deus quando alcançava melhor posição social e sucesso em seu empreendimento. Distancia-se dos conceitos luteranos e católicos quando confrontado com a doutrina da ‘predestinação’. Acredita ainda que é a prática do trabalho que dá treino moral ao homem. Daí vêm e sua consequente ‘eleição’, e não de uma suposta predestinação anterior em forma da “vontade de Deus” (WEBER, 1985).

O autor quis demonstrar que certas vertentes do protestantismo, como o calvinismo, haviam estimulado um comportamento econômico baseado numa ação racional, em que o trabalho adquire conotação moral positiva, como fica evidente na citação abaixo:

É verdade que a utilidade de uma vocação e sua consequente aprovação por Deus, é orientada primeiramente por critérios morais e depois pela escala de importância dos bens produzidos para a coletividade, colocando-se, porém, logo em seguida, um terceiro (...) a lucratividade individual do empreendimento (WEBER, 1985, p. 116).

Ao contrario do que acreditava o cristianismo católico tradicional o trabalho tinha um significado diferente, era uma forma de sofrimento e danação, destinos das almas que não eram abençoadas por Deus. O catolicismo também combatia o envolvimento dos seus fiéis em assuntos mundanos, tais como o comércio e as profissões liberais, o que pode, em algum lugar da história, ter retardado o desenvolvimento de certas economias e nações. Ao contrario de Karl Marx (1818-1883), Weber não acreditava simplesmente como um processo de exploração, mas sim em um conjunto de práticas, ideias, hábitos, enfim, uma ação social racionalmente voltada para determinados interesses. Essa ação pode ser motivada por aspectos simbólicos ou materiais. O autor também admite a existência do capitalismo em outras culturas diferentes da ocidental (WEBER, 1985).

3. OS IMIGRANTES, SUA CULTURA E HISTÓRIA, E A RELAÇÃO COM A TEORIA DA ÉTICA PROTESTANTE

Para se compreender as características que identificam a população camponesa de origem italiana da região sul de Santa Catarina, é importante destacar as diferentes razões que promoveram a colonização com imigrantes europeus no sul do Brasil daquelas que ocorreram nas fazendas de café paulista, principalmente a de imigrantes para o trabalho assalariado. Diferente da imigração que aconteceu no estado de São Paulo, onde a houve a importação de mão-de-obra para substituir os escravos, a imigração que se destinara ao sul do Brasil tomou a forma de colonização através de companhias colonizadoras e pela formação de núcleos de colonização, baseados em pequenas propriedades.

As razões que orientaram a colonização com agricultores europeus em Santa Catarina foram, em parte, diversas daquelas que orientaram o Brasil em procurar a imigração europeia. Naturalmente não se tratava de fornecer mão-de-obra para fazendas a fim de substituir os escravos, como também não foi tão imperativa a necessidade de ‘branquear’ a população. A razão era simples, não existia na Província de Santa Catarina o latifúndio. Havia grandes propriedades de terra na zona de Lages, mas eram utilizadas para a criação de gado e não necessitavam de muita mão-de-obra. Assim a Província de Santa Catarina contou com um percentual de escravos, com relação à população, mais baixa que as outras províncias brasileiras, o maior percentual aconteceu em 1857 com 16,3%. (CABRAL *apud* GROSSELLI, 1987, p. 279).

Havia uma razão mais importante para concentrar grandes contingentes migratórios. A colonização ocorreu pela necessidade principalmente de valorização de terras desocupadas, cobertas de florestas, bem acidentadas e de abertura de vias de comunicação que ligassem o litoral ao planalto (PETRONE, 1982, p.32). Nessas condições, torna-se compreensível que as terras que os imigrantes receberam tenham sido, sem exceção, as mais montanhosas, isoladas e de difícil acesso não sendo, de modo algum, cobiçadas pela grande propriedade.

Por este motivo, recebendo terras inóspitas e acidentadas como porção do que seria a promessa da “*con il paese della cuccagna*” (a terra abundante), os imigrantes convencidos ao desafio de explorar novas terras, se depararam com uma situação totalmente desfavorável e longe de ser àquilo que prometeu o governo brasileiro. Após passarem por uma viagem de trem pela Europa, que os levou da Itália para o canal da Mancha na França, a viagem de navio de um mês até o Brasil no Rio de Janeiro; mais 10 a 12 dias até Laguna; jangadas acima pelo rio Tubarão; carroças de boi até Azambuja e Pedras Grandes. Segundo registros eram cerca de 290 colonos os que se fixaram nas imediações de Urussanga após praticamente quatro meses de viagem para chegar a um lugar onde haveria de se ter “edifícios”, que não passavam de barracões sem parede e coberto por palhas, de acordo com o que prometia o Decreto 3.784 de 19 de janeiro de 1867, que regulava a criação das colônias do estado. As estradas eram precárias e mal passavam os carros de bois, além de que para quem possivelmente nunca havia visto uma floresta em suas vidas, os imigrantes agora estavam praticamente dentro de uma delas, que segundo as palavras de Baldessar (2005) descreve como “apavorante”. O Decreto nº 3.784 foi polêmico pois estabeleceu preços às terras que tornaram inviável a subsistência dos colonos, como também os subjugou à dependência do império de forma semelhante à de escravos, pelo que pode ser percebido na citação de Baldessar (2005, p.45):

O Decreto promete criar asilos agrícolas, mas até a presente data eles ainda não foram criados. Quanto ao assunto pertinente à assistência no que se refere à saúde, escolas, religião, lazer, não há uma palavra no Decreto. Mas, a pesar dos pesares, se esse Decreto não existisse seria bem pior do que foi. Seria uma escravatura total com outro nome. Perdoando aquilo que a lei não fez, o resto foi muito bom.

Observando a situação em que se submeteram os imigrantes italianos e alemães daquela época, e seus primeiros anos, não é difícil de imaginar que as privações e as dificuldades forjaram um caráter muito semelhante àquele que Weber (1985) descreve. Para que conseguissem subsistir, o trabalho árduo e o ‘espírito’ econômico foram absolutamente necessários para que aos poucos (na verdade muito tempo depois) as comunidades de colonos conseguissem se tornarem autônomas e pudessem crescer e se formar as primeiras cidades e vilas.

O chamado comportamento mundano nem seria possível visto que a escassez era acachapante. Não havia nos lugares a serem colonizados sequer bares, bordéis, bailes ou festas. Não havia onde se ‘desperdiçar’ o dinheiro. E para o preguiçoso sobraria a fome acaso não fosse um sujeito que gostasse do trabalho. E neste caso, de trabalho pesado.

Portanto, é possível entender que independentemente da religião, sejam luteranos, presbiterianos, metodistas, calvinistas ou católicos, a grande maioria dos imigrantes desenvolveram, por parte da situação a que foram submetidos naquela época, práticas que aproximam a cultura da região colonizada, das características da ética protestante.

Portanto a relação dos estilos de liderança que advém destes imigrantes, e sob este olhar, a visão patriarcal, da influência a partir do pressuposto do poder, mas também pelo espírito empreendedor, podem ter desenvolvido os estilos de liderança que é encontrado nos dias atuais nas organizações da região sul de Santa Catarina.

4. OS ESTILOS DE LIDERANÇA DOS IMIGRANTES

A sociedade da época era essencialmente patriarcal, por isso a figura paterna era tida ainda como a figura central, como pressuposto de legitimidade os efeitos afetivos e de modo racional referente a valores, que segundo Weber (2000) são formas de legitimidade que se apresentariam numa situação onde, por exemplo, não havia o poder de polícia e também os aspectos religiosos presentes de maneira formal, como já estavam na Europa. As comunidades foram formadas, na região de Azambuja, hoje Urussanga, por um grupo de 76 famílias que passaram a conviver sem qualquer estrutura organizada na comunidade (BALDESSAR, 2005). A única organização que existia era a familiar. Neste caso, a dominação tradicional, àquela exercida pelos mais velhos (gerontocracia) e o patriarcalismo primário também podem configurar o estilo de dominação presente neste grupo de imigrantes, segundo a visão de Weber (1999).

Em relação aos tipos de sociedade, pode ser elencada três tipos de autoridade: a tradicional, a carismática e a autoridade legal, racional ou burocrática. A autoridade tradicional é quando uma pessoa ou grupo social obedece a outro porque tal obediência é proveniente do hábito herdado das gerações anteriores. Já a autoridade carismática é proveniente das características pessoais dos indivíduos. Sua base de legitimação é a devoção dos seguidores à imagem dos grandes líderes religiosos, sociais ou políticos. Está associada às qualidades pessoais e a posição organizacional ou às tradições. Por fim, a autoridade legal, racional e burocrática é a principal base da autoridade no mundo inteiro. Apesar das modernas organizações formais procurarem tratar a liderança como um atributo de cargos específicos, que deve ser legitimamente aceita pelos indivíduos, tem o direito de tomar decisões e de fazer obedecido (WEBER, 1999)

Outro estilo que se aproxima deste tipo de situação seria o estilo paternalista. De acordo com Maximiano (2004), o paternalismo é um estilo onde o líder e sua equipe têm relações interpessoais similares às de pai e filho. A liderança paternalista pode ser confortável para os liderados e evitar conflitos, mas não é o modelo adequado num relacionamento profissional,

pois numa relação paternal, o mais importante para o pai é o filho, incondicionalmente. Já em uma relação profissional, o equilíbrio deve preponderar e os resultados a serem alcançados pela equipe são mais importantes do que um indivíduo.

É comum encontrar na região foco do estudo, empresas familiares, e nelas possivelmente pais e filhos trabalhando juntos. Este seria o ambiente propício para a identificação do estilo paternalista de liderança. Porém, como o confronto é uma das situações que o líder paternalista pretende evitar, não é de se admirar que a instituição da empresa familiar ainda hoje sofra com o estigma da incompetência. Corroborando esta percepção vêm à afirmação de Gonçalves (2000), de que a empresa familiar foi marcada, historicamente, pelo pragmatismo e o imediatismo do empresário, o seu informalismo, o paternalismo e o nepotismo. Especialistas recomendam a profissionalização dessas empresas para evitar vulnerabilidades que envolvem consideráveis expectativas antagônicas.

Encurralado pelas situações impostas pelo governo imperial, pelas condições sociais às quais os imigrantes estiveram submetidos, importante também considerar o estilo pressionador de liderar. Segundo Maximiano (2004), o estilo pressionador atinge objetivos difíceis e estimulantes. Movimenta-se sob as máximas “missão dada é missão cumprida” e “custe o que custar”. Tem um efeito por vezes negativo sobre o clima de trabalho, pois é frequentemente mal executado, pois se preocupa muito com os resultados a serem obtidos, mas não observa as demandas das pessoas a sua volta.

O estilo de liderança pressionadora aproxima-se também do estilo de liderança centrada na tarefa. Possivelmente, adotado por conta das inúmeras atividades de construção das casas e estruturas dos vilarejos, do próprio desenvolvimento das áreas agrícolas derrubando árvores e abrindo as clareiras para as plantações, bem como as tarefas do campo. A liderança centrada na tarefa (*job centered*) preocupa-se com a execução de tarefas e com seus resultados. Este tipo de liderança segundo Chiavenato (2000) tende a subdividir e fragmentar o trabalho em tarefas componentes, a selecionar e treinar as pessoas mais adequadas para o tipo de tarefa e pressioná-las constantemente a fim de que os níveis de produção sejam almejados.

Por fim, não se pode deixar de citar o estilo de liderança visionária, como um dos estilos também presente no rol de características dos imigrantes. O sonho pela própria terra, o desejo de dias melhores e a coragem de enfrentar o desconhecido fizeram destes colonizadores, sem sombra de dúvida, líderes visionários em suas épocas. Robbins (2000) conceitua Liderança Visionária como “a capacidade de criar e articular uma visão realista, crível e atraente do futuro para uma organização ou unidade organizacional que cresce e melhora a partir do presente”. Completando este conceito, Macedo e Boas (2006) definem como líder visionário aquele que possui a capacidade de criar e articular uma visão de futuro realista, atrativa e acreditável para a organização, que tem como ponto de partida a situação presente e a busca de sua melhoria.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição de liderança na verdade está evoluindo, se for comparada com os líderes de antigamente, e de acordo com as próprias teorias relatadas nos itens acima. Porém, este estudo teve como objetivo analisar de que forma a cultura regional do sul de Santa Catarina, baseada nos pressupostos da ética protestante de Max Weber, podem ter influenciado os estilos de liderança das organizações.

Pelo que pôde ser observado, apesar da região estudada ser majoritariamente colonizada por imigrantes italianos de origem católica, e alemães de origem luterana, não é difícil de constatar que as privações e as dificuldades daquela época forjaram um caráter muito próximo ao da ética protestante, que na visão de Weber aproxima-se mais da doutrina calvinista. A busca pela subsistência, o trabalho árduo e o ‘espírito’ econômico foram necessários para que

as comunidades de colonos conseguissem se tornar autônomas e pudessem crescer. O comportamento mundano não existia diante da grande escassez. Não havia onde se ‘desperdiçar’ o dinheiro e, portanto é possível entender que independentemente da religião, sejam luteranos, presbiterianos, metodistas, calvinistas ou católicos, a grande maioria dos imigrantes desenvolveram, por parte da situação a que foram submetidos à época, práticas que aproximaram a cultura da região colonizada das características da ética protestante.

Já em relação aos estilos de liderança presente nestes imigrantes, é possível aproximar-se dos conceitos também de Weber no tocante aos estilos de dominação, principalmente o **patriarcal baseado no poder**, e o **estilo paternalista**, que até os dias de hoje pode ser identificado nas empresas familiares da região. O **estilo pressionador** e também o **estilo centrado na tarefa**, decorrente principalmente das condições da sociedade da época, mas também por conta das diversas demandas por realização, ou seja, pela necessidade do “fazer fazer” que se tinha naquela situação.

Mas é o estilo de liderança visionário que se deve dar maior destaque. Este estilo é característico do espírito empreendedor do povo que hoje vive no sul de Santa Catarina, e está presente nas organizações desta região. Indubitavelmente àqueles homens e mulheres estavam muito a frente do seu tempo. Foram exímios visionários. Deixaram para trás sua nação, seus familiares (para nunca mais os encontrarem) e desafiaram um mundo totalmente novo e por desbravar. Foram literalmente enganados, mas não deixaram de crer em dias melhores, seguiram em perseguir aquilo pelo qual estavam lutando: serem proprietários de suas próprias terras. Na busca deste sonho, realizaram algo muito mais grandioso: com trabalho e fé, ergueram toda uma região e ajudaram a construir esta nação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes: Sua História, Costumes e Tradição**. Forquilha-SC: Formsul, 2005.

_____, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes: Sua História, Costumes e Tradição**. Urussanga-SC: 1991.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 2ª ed. rev. – Editora da UFSC, Florianópolis-SC, 2007.

GONÇALVES, Sérgio de Castro. **Patrimônio, família, empresa** – um estudo sobre a transformação no mundo da economia empresarial. São Paulo: Negócio Editora, 2000.

MAXIMIANO, Antonio César Amaru. **Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital**. 4. ed. rev. e atual São Paulo: Atlas, 2004.

MACEDO, J. L; BOAS, A. A. V. **Liderança: Um estudo de caso sobre o papel dos gerentes na difícil tarefa de influenciar os recursos humanos de uma Organização**. In: III Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2006. Penedo – RJ.

METIDIERI, Guilherme. **Estilos de Liderança: Autocrática, Democrática e Liberal**. 2011. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/estilos-de-lideranca-autocratica-democratica-e-liberal/52800/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

OLIVEIRA, Jayr Figueiredo de. **A Síndrome do Líder: O que é ser um líder de verdade?**

_____, Jayr Figueiredo de et al. **Profissão Líder: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2006. Cap. 1, p. 2.

PETRONE, Maria Thereza Schorer – **O imigrante e a pequena propriedade** - Coleção tudo é história, no. 38-2a. ed, Brasiliense, São Paulo, 1984.

ROBBINS, S. P. **Administração: mudanças e perspectivas**. Tradução. Cid Kinipel Moreira. São Paulo: Saraiva, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 4ª edição – Pioneira, São Paulo, 1985.

_____, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. I - Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4ª edição – Editora UnB, Brasília, 2000.

_____, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. II - Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. – Editora UnB, Brasília, 1999.